

Star Wars e a minha Faculdade de Direito

In my end is my beginning.

Inscrição mandada gravar em um anel por Mary Stuart, rainha dos escoceses.

Andityas Soares de Moura Costa Matos¹

A *long time ago in a galaxy, far, far away....*

É curioso que hoje, aos 150 anos de fundação da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, eu receba – sob a forma de *time-mail* – uma oscilação tempo-plasmática de meu eu de 30 anos atrás. Pede-me um texto para publicar na

revista comemorativa dos 120 anos da Faculdade, que ajudei a editar em 2012. Quer que eu fale sobre todo o admirável mundo novo. Eu poderia contar que já não temos mais Parlamentos, que a opressão e a violência foram violentamente oprimidas, que não há fome, que a distribuição universal é... universal; e que o direito não é mais aplicado, apenas ensinado. Mas eu saberia que tudo é mentira. Aqui em 2042 vivemos de maneira muito similar ao passado. Sim, é claro que tivemos duas novas Constituições no Brasil – uma delas outorgada em 2025 pela Bolsa de Valores de Nova York e a outra promulgada em 2037 pelo “povo revolucionário” – e isso pode parecer

¹ Graduado em Direito, Mestre em Filosofia do Direito e Doutor em Direito e Justiça pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Adjunto de Filosofia do Direito e disciplinas afins na Faculdade de Direito da UFMG. Membro do Corpo Permanente do Programa de Pós-Graduação em Direito da Faculdade de Direito da UFMG. Diretor da *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. E-mail: andityas@ufmg.br

excitante para alguém de uma época tão remota quanto 2012. Ou talvez não... Que diriam nossos maiores? Que diriam aqueles que fundaram a faculdade, os que dela fizeram a Faculdade, se alguém se limitasse a lhes apresentar um insípido catálogo de Constituições, de 1934, 1937, 1946 etc.? Diriam que nada disso importa e perguntariam do fundo de seus túmulos, ao mesmo tempo ansiosos e orgulhosos, prevendo a resposta para a questão: E a Faculdade, como vai? Como anda a Faculdade?

Eu então poderia lembrar-me – contar-me! – que a nossa Faculdade está agora no *campus* da Universidade e que a Congregação discute, exatamente nesta semana, a manutenção ou não de sua imagem holográfica em quatro dimensões na Avenida João Pinheiro, nº 100. Manter ativos comprimento, altura, largura e *alma* sai bem caro... E o que não mudou é o fato de termos pouca verba! Sim, e continuarmos a formar Bacharéis, Mestres, Doutores e, a partir de 2030, Pós-Doutores. Na velhíssima Casa há ainda amizades que a tudo resistem e ódios secretos, passagens mirabolantes entre os andares, escadas que não levam a lugar nenhum, bibliotecas que são doces selvas tropicais. E tudo mais que o futuro pode reservar ao esforço conjunto

de gerações, cifrado na desprezível, familiar, gigantesca palavra *faculdade*. Os homens e as coisas mudam, mas somente aos olhos de outros homens e de outras coisas. Por isso mando ao meu antigo eu não notícias do futuro, mas algumas novidades do passado, quando ambos, eu e ele – ou eu e eu? – ainda éramos *padawans*.

Em meus dias de Graduação, que foram de 1997 a 2002 – o curso não durava, como agora, oito anos –, acostumei-me a ver na Faculdade de Direito um perfeito reflexo do mundo fantástico de *Star Wars*. O que começou como uma brincadeira entre amigos logo ganhou significados mais profundos. Eu e os meus líamos a Faculdade como um microcosmo em que combatiam as forças da Aliança Rebelde e do temível Império Galáctico. Há os que acham que *Star Wars* é apenas mais uma série de filmes de ficção científica, atualmente em seu vigésimo episódio e contando a saga da quinta geração da família Skywalker. Respeito a opinião desses que não viram a luz. Para mim, *Star Wars* é muito mais. Algo próximo da religião, mas sem dogmatismo, com mais rigor e imaginação. O que George Lucas conseguiu fazer em seus seis filmes originais é algo extremamente difícil: ele deu uma nova cara ao

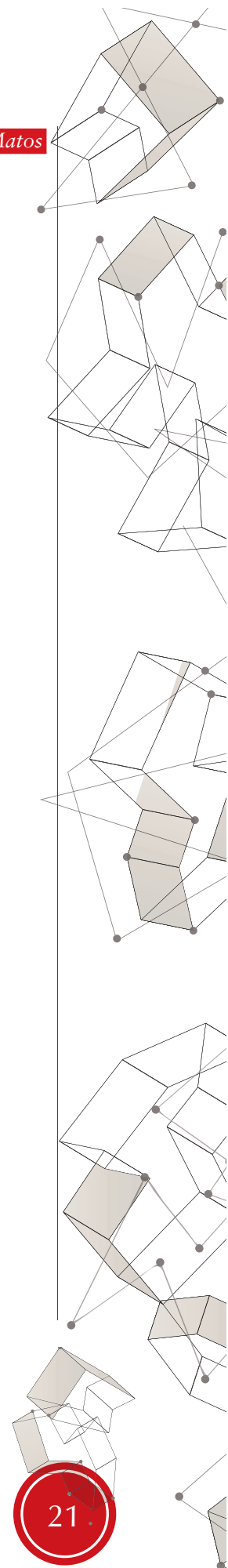
herói. Sim, porque o herói é aquele que deve cumprir um destino, passando por diversos estágios em que paulatinamente vai se tornando melhor e mais sábio.

Era isso para nós a Faculdade durante os anos em que nela convivemos: um campo de testes que iria nos preparar para o futuro. Em nossa convivência com a Escola, o peso de sua história centenária se tornava cada dia mais leve. Os mistérios da Força estavam lá, disponíveis para quem os quisesse compreender. Mas também se adivinhava algo de terrível. As histórias que corriam anônimas pelos corredores indicavam antigas lealdades e traições, batalhas travadas por outras gerações que se gravaram na memória coletiva, no ar que se respirava. Sabíamos, sem o saber, que o mais profundo heroísmo e a mais vil das baixezas conviveram entre essas paredes. E isso nos tornava, de certo modo, históricos: tínhamos agora um destino maior. Tínhamos um *mito*.

A história da Faculdade carrega todo o peso das Minas Geraes e da República. Espaço de luz e sombra, a Faculdade ganhava ares de epopeia quando sua mecânica era interpretada com o auxílio da mitologia de *Star Wars*. O prédio de aulas da Graduação, com suas intermináveis filas nos elevadores,

era a Estrela da Morte. Os professores se dividiam entre aqueles que juraram obediência ao nefasto Imperador Palpatine e outros que, a exemplo do Mestre Yoda, nos ensinavam como trilhar o verdadeiro caminho da Força. A uns era preciso vencer. Outros, recordar como verdadeiros mestres. Darth Vader espreitava por todos os corredores. Quem era ele? As opiniões divergiam a cada semestre: o professor mais rigoroso recebia esse precioso título, a demonstrar ao mesmo tempo o seu poder e o seu caráter temível. As testagens – concursos para Monitoria, Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado etc. – a que nos submetíamos eram comparadas às grandes batalhas da série, de Yavin a Hoth, de Coruscant a Endor. Na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais o eterno combate entre *siths* e *jedis* continua.

Em *Star Wars* o herói se torna vilão. Seduzido pelo lado negro da Força, o jovem Anakin Skywalker trai a ordem *jedi* para se tornar Darth Vader, o flagelo dos mundos livres! Com seu ato desmedido, sua *hýbris* – que, claro, será necessária para sua futura redenção –, Anakin demonstra como são movediças as fronteiras entre o bem e o mal, o certo e o errado. Não, não éramos ingênuos.



Assim como Anakin, estávamos sendo treinados na Faculdade para lidar com o poder. O direito é a disciplina do poder e sabíamos que, a depender de nossas escolhas, iríamos trilhar o caminho da Força ou de seu lado negro. Mesmo agora, muitas décadas passadas, ainda não sei quem sou. Sempre me senti atraído pela beleza fatal dos sabres de luz cor de sangue, mas também pelo manto búdico do *jedi*.

Um estudante de Direito já é, em potência, tudo aquilo que virá a ser. São esses anos na Faculdade que, mais do que a infância e a adolescência, moldam o indivíduo. Em uma tradução criativa e infiel, alguém disse que Heráclito de Éfeso disse que o caráter de um homem é o seu destino: seu *éthos* é seu *dáimôn*; seu habitar em si mesmo, seu demônio. Para nós, jovens estudantes, tratava-se de não nos perdermos diante das inúmeras seduções que o mundo jurídico pode oferecer. Servir ao poder... era isso que nos estava reservado? Tornar suas engrenagens mais eficientes, tanto mais imperceptíveis quanto mais mortíferas? Jogar o jogo? Colaborar com o sistema? Ser o sistema? E andar todos os dias de terno e gravata nesse calorão de Belo Horizonte? A essa pobre mitologia preferíamos a nossa, a que nos levava que

desejássemos boa sorte uns aos outros com um “que a Força esteja com você!”, soltado sempre antes das provas mais difíceis. Foi exatamente essa frase que ouvi de um amigo logo antes de entrar na Sala da Congregação para prestar o exame oral em meu concurso para Professor Adjunto da Faculdade. Estava nervoso como manda o figurino. Mas ao ouvir a velha frase foi como se todos aqueles anos de Graduação, de Mestrado e de Doutorado se concentrassem em um único ponto: plano, palpável, translúcido como o Aleph de Jorge Luis Borges, que concentra em si todos os espaços, todos os tempos. “Que a Força esteja com você”, eu ouvi – ou imaginei ouvir? – e o universo se tornou liso, compreensível, permeável. Afinal, é esse o valor do mito. É por isso que os homens não se cansam de contar histórias, de fazer a realidade – a pobre realidade! – melhor do que ela realmente é. Tornei-me Professor desta Casa sob o signo de uma mitologia transfigurada. O que eu era então? Ao ser aprovado naquele concurso eu me integrava às fileiras do Império Galáctico ou da Aliança Rebelde? Pouco importa, pouco importa, diriam os meus maiores. O importante era que eu voltava para casa.